



A qualidade do relacionamento com o treinador é importante para a motivação tanto de meninos quanto de meninas no esporte escolar?

Is the quality of the relationship with the coach important for boys and girls in school sports?

Gabriel Lucas Morais Freire¹, Eliakim Cerqueira da Silva², Carla Thamtres Laranjeira Granja³, Daniel Vicentini de Oliveira⁴, Renan Codonbato⁵, José Roberto Andrade do Nascimento Junior⁶

¹ Mestrando em Educação Física pela Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), Petrolina (PE), Brasil; ² Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), Petrolina (PE), Brasil; ³ Faculdade dos Guararapes (FG), Jaboatão dos Guararapes (PE), Brasil; ⁴ Pós-doutorando em Educação Física. Departamento de Pós-graduação em Educação Física pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá (PR), Brasil; ⁵ Universidade Estadual de Maringá. Departamento de Pós-Graduação *Stricto sensu* em Educação física. Maringá, PR, Brasil; ⁶ Professor no Departamento de Pós-graduação em Educação física da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), Petrolina (PE), Brasil.

*Autor correspondente: Gabriel Lucas Morais Freire - E-mail: bi88el@gmail.com

RESUMO

Este estudo transversal investigou a associação entre a percepção da qualidade do relacionamento treinador-atleta (RTA) e as regulações comportamentais de estudantes-atletas. Participaram 301 estudantes-atletas, com idade entre 14 e 17 anos, inscritos na fase estadual dos jogos escolares de Pernambuco. Os instrumentos foram o Questionário de Relacionamento Treinador-A atleta (CART-Q) e a Escala de Motivação para o Esporte II (SMS-II). Para a análise dos dados utilizou-se o teste de Kolmogorov-Smirnov, Correlação de Spearman e a Análise de Equações Estruturais ($p < 0,05$). Evidenciou-se que as dimensões da qualidade do RTA apresentaram associação significativa ($p < 0,05$) e negativa com a desmotivação dos meninos, explicando 16% de sua variância. Já a dimensão de comprometimento apresentou associação significativa e positiva com a regulação integrada (3%), e a complementaridade apresentou associação positiva com a regulação intrínseca (9%). Em relação às meninas, as dimensões do RTA explicaram positivamente 16% da variância da regulação identificada, 10% da regulação integrada e 9% da regulação intrínseca. A qualidade do RTA é um fator protetor contra a desmotivação no sexo masculino e potencializador da motivação autodeterminada principalmente no sexo feminino.

Palavras-chave: Autodeterminação. Relações interpessoais. Esporte.

ABSTRACT

This cross-sectional study investigated the relations between the perceived coach-athlete relationship (CAR) quality and the motivational regulations. Participants were 301 student-athletes, aged between 14 and 17 years old, participating in the state phase of the School Games. The Coach-Athlete Relationship Questionnaire (CART-Q) and the Sport Motivation Scale II (SMS-II) were used as instruments. For data analysis, the Kolmogorov-Smirnov test, Spearman's correlation and the Structural Equation Analysis ($p < 0.05$) were applied. The CAR quality (Closeness, Commitment and Complementarity) was significantly and negatively associated with boys' amotivation, explaining 16% of its variance, in addition, the Commitment showed a significant association with the Integrated Regulation (3%) and Complementarity was associated with Intrinsic Regulation (9%). As for girls, CAR dimensions explained 16% of the variance of the Identified Regulation, 10% Integrated Regulation and 9% Intrinsic Regulation. The CAR quality seems to be a protective factor against amotivation in males and a potential for self-determined motivation in females.

Keywords: Interpersonal Relations. Self-Determination. Sport.

Recebido em setembro 15, 2019

Aceito em dezembro 10, 2020

INTRODUÇÃO

O contexto esportivo escolar requer dos seus participantes comprometimento, disciplina e dedicação, uma vez que o ambiente esportivo apresenta um potencial promotor de capacidades psicológicas sociais e emocionais, de qualidade de vida, bem-estar, autoestima e interação social^{1,2}. O envolvimento de crianças e jovens nesse contexto pode promover uma série de benefícios, tanto para o seu desenvolvimento humano como para sua continuidade e sucesso em direção ao alto rendimento esportivo², entretanto, é necessário que seus praticantes estejam motivados para que haja adesão à prática esportiva, com seus consequentes resultados em longo prazo.

A motivação é considerada como um dos principais fatores determinantes para as experiências bem-sucedidas no esporte, tanto na iniciação esportiva como no alto rendimento³⁻⁵. Além disso, é uma das variáveis psicológicas que melhor elucida os motivos que levam as pessoas a se apresentarem mais determinadas do que as outras em algumas atividades, e essencial para que haja adesão em longo prazo a uma prática, ilustrando ainda o que as motiva a começar, continuar ou até mesmo desistir de uma atividade, seja esta esportiva ou não³⁻⁵.

Dentre as diversas teorias que se propõem a entender esse fenômeno, destaca-se na área da psicologia do esporte a Teoria da Autodeterminação - TAD⁶, utilizada como base para pesquisas dos fatores motivacionais nos mais distintos cenários do esporte⁷, desde o esporte de base até o alto rendimento⁸. A TAD é uma macroteoria composta por seis microteorias (microteoria das necessidades psicológicas básicas, microteoria da avaliação cognitiva, microteoria da integração organísmica, microteoria da causalidade, microteoria do conteúdo do objetivo, microteoria das relações de motivação)⁶, as quais têm como propósito interpretar a personalidade da motivação humana por diferentes perspectivas. A TAD explica as diferentes formas de motivação e seu processo de internalização, quando o comportamento passa a ser

autodeterminado, ou seja, quando as determinantes de uma atividade encontram finalidade na atividade em si. Segundo esta teoria, a motivação de um indivíduo pode ser representada por um *continuum* que parte da desmotivação, passa por fatores extrínsecos da motivação (pressão, punições, recompensas, visibilidade social ou benefícios), e atinge níveis intrínsecos da motivação, quando uma prática é feita pelo prazer e bem-estar proporcionado³⁻⁵.

Um dos fatores influentes na motivação e seu desenvolvimento ao longo do *continuum* apresentado são as relações sociais³⁻⁵. Neste sentido, pesquisas recentes⁹⁻¹¹ apontam que pessoas importantes para os atletas, como os familiares e o treinador, são essenciais para o desenvolvimento de sua motivação^{10, 11}. Em se tratando do ambiente mais especificamente esportivo, o relacionamento entre um atleta e seu treinador é apontado frequentemente na literatura¹² e por profissionais como um elemento chave para o crescimento esportivo¹³, desenvolvimento de atletas juniores¹⁴, motivação dos atletas¹¹, eficácia coletiva¹⁵.

Como forma de estudar e compreender a complexidade do Relacionamento Treinador-Atleta (RTA), o modelo dos 3+1C's¹⁶ analisa os sentimentos de proximidade (respeito, confiança), compromisso (relacionamentos duradouros), e comportamentos complementares (afiliação) e de coorientação (semelhança, compreensão) mutualmente e causalmente interligados entre os atletas e treinadores, podendo inclusive afetar a satisfação de um jogador¹⁶, e ter implicações importantes para maximizar os resultados esportivos e psicológicos entre atletas e treinadores¹⁷. A qualidade do RTA tem sido relacionada na literatura com diversas variáveis, como a orientação de metas¹⁸, a satisfação dos atletas¹⁹, a eficácia coletiva²⁰, os estilos parentais e a motivação¹⁰.

Apesar de tais evidências, ainda existe uma lacuna sobre estudos que relacionem o RTA e a motivação em jovens estudantes-atletas de esporte coletivos, sendo essa a lacuna que o presente estudo visa preencher. Diante disso, uma das sugestões

apontadas por estudos recentes é verificar o impacto da qualidade do RTA sobre as demais variáveis psicológicas em atletas de esportes coletivos de diferentes níveis competitivos^{12, 19, 21}. Assim, esse estudo se torna relevante ao passo que poderá avançar em um conhecimento pouco estudado no contexto esportivo escolar brasileiro, especificamente na região Nordeste, podendo assim contribuir com o trabalho de treinadores e professores que trabalham com esporte infantojuvenil nas escolas.

Diante disso, este estudo teve como objetivo investigar a associação entre a percepção da qualidade do RTA e as regulações comportamentais de estudantes-atletas do Estado de Pernambuco.

MATERIAIS E MÉTODOS

DESENHO DO ESTUDO

Trata-se de um estudo descritivo com delineamento transversal e investigação metodológica²². O estudo foi desenvolvido por meio das diretrizes do *Strengthening the Reporting of Observational Studies in Epidemiology* (STROBE) para estudos observacionais²³.

PARTICIPANTES

A população do estudo foi composta por atletas de esportes coletivos, com idades entre 15 e 17 anos que competiam nos Jogos Escolares de Pernambuco (JEP). Tal competição abrange estudantes-atletas de todas as regiões do Estado, sendo disputada nas seguintes modalidades coletivas: basquetebol, futsal, handebol, futebol e voleibol. Para o cálculo do número mínimo de participantes foi utilizada a fórmula para populações finitas, com nível de confiança de 95%, com erro de estimação de 5% e com proporção esperada de 50%²⁴. Foi estimada a participação de aproximadamente 2.500 atletas nesta competição, requerendo, portanto, uma amostra mínima de 333 alunos-atletas considerando perdas

amostrais; 335 alunos-atletas de modalidades coletivas participaram da fase estadual dos Jogos Escolares de Pernambuco de 2016 realizada em Arcoverde-PE. No entanto, 35 atletas foram excluídos por não preencherem os questionários adequadamente, resultando em uma amostra final de 301 atletas, de ambos os sexos (136 meninos e 165 meninas), com média de idade de $16,02 \pm 0,83$ anos. Os atletas eram competidores das modalidades coletivas de futsal ($n = 124$), voleibol ($n = 133$), handebol ($n = 24$) e basquetebol ($n = 20$).

A seleção dos participantes foi por conveniência e os critérios de seleção foram os seguintes: 1) ter participado de alguma competição de nível regional/estadual durante as temporadas 2015/2016; e 2) participar da fase estadual dos Jogos Escolares de Pernambuco de 2016. Como critério de exclusão foi adotado o preenchimento completo dos instrumentos. Somente participaram do estudo os atletas que tiveram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado pelos treinadores (responsáveis pelos atletas no evento), e que verbalmente manifestaram o desejo de participar voluntariamente do estudo.

INSTRUMENTOS

Escala de Motivação para o Esporte II (SMS-II). O instrumento foi elaborado por Pelletier et al.²⁵ e validado para o contexto brasileiro por Nascimento Junior et al.⁽²⁶⁾. Esse questionário é constituído por 18 itens distribuídos em seis subescalas: regulação intrínseca, regulação integrada, regulação identificada, regulação introjetada, regulação externa e desmotivação, para avaliar os níveis de motivação atlética do indivíduo numa escala do tipo *Likert* de sete pontos, num *continuum* de “não corresponde nada” (1) a “corresponde exatamente”²⁷.

Questionário de Relacionamento Treinador-Atleta (CART-Q). Este questionário foi originalmente desenvolvido por Jowett e Ntoumanis²⁷ e validado para o contexto esportivo brasileiro por Vieira et al.²⁸.

O questionário avalia a percepção do atleta sobre sua relação com o treinador. A escala é constituída por 11 itens distribuídos em três dimensões: proximidade, comprometimento e complementaridade. As respostas são dadas numa escala tipo *Likert* de sete pontos com respostas variando entre “Discordo totalmente” (1) a “Concordo totalmente” (7).

PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

O estudo está integrado a um projeto institucional aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Vale do São Francisco (parecer nº 1.648.086). Inicialmente foi realizado contato com a Secretaria do Esporte do Estado de Pernambuco para solicitar autorização para realização das coletas de dados com os atletas das equipes participantes dos Jogos Escolares 2016. As coletas foram realizadas nos hotéis e locais de hospedagem das equipes na cidade onde aconteceram os jogos. A aplicação dos questionários foi realizada de forma coletiva, em uma sala privativa, com a ausência dos treinadores, e o preenchimento dos questionários teve duração de aproximadamente 30 minutos. A ordem dos questionários foi aleatorizada entre os participantes.

ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados foi realizada por meio do teste de normalidade de *Kolmogorov Smirnov*. Frente a distribuição não normal dos dados, o teste “U” Mann-Whitney foi utilizado para comparar as variáveis entre meninos e meninas. O Coeficiente de Correlação de *Spearman* foi utilizado para verificar a correlação entre as variáveis, adotando-se significância para valores de $p < 0,05$. Tais análises foram conduzidas no *software SPSS v.22.0*. Para verificar o percentual de variância explicada da motivação pela qualidade do RTA para os meninos e meninas, foram conduzidos diferentes modelos de *Path Analysis* por meio da Análise de Equações

Estruturais com as variáveis que obtiveram correlação significativa ($p < 0,05$). A existência de *outliers* foi avaliada pela distância quadrada de *Mabalanobis* (DM^2) e a normalidade *univariada* das variáveis foi avaliada pelos coeficientes de assimetria ($ISkI < 3$) e pela curtose ($IKuI < 10$) uni e multivariada. Como os dados não apresentaram distribuição normal, utilizou-se a técnica de Bootstrap de Bollen-Stine para corrigir o valor dos coeficientes estimados pelo método da Máxima Verossimilhança²⁹ implementado no software AMOS, versão 22.0. Para verificar a adequação da amostra para a análise proposta, foi aplicada a técnica de Bootstrapping³⁰. Não foram observados valores de DM^2 , indicadores da existência de *outliers*, nem correlações suficientemente fortes entre as variáveis que indicaram multicolinearidade (*Variance Inflation Factors* $< 5,0$). Partindo das recomendações de Kline³¹, a interpretação dos coeficientes de regressão teve como referência: pouco efeito para coeficientes $< 0,20$, médio efeito para coeficientes até 0,49 e forte efeito para coeficientes $> 0,50$.

RESULTADOS

Verificou-se na Tabela 1 que os atletas de ambos os sexos demonstraram níveis de motivação muito próximos, com baixo nível de desmotivação e maiores valores nas regulações mais próximas da extremidade direita do *continuum* (comportamento autodeterminado). Houve diferença significativa na regulação externa ($p = 0,005$), para a qual os homens apresentaram maior pontuação. Na qualidade do relacionamento treinador-atleta, observou-se que ambos os grupos apresentaram relacionamento treinador-atleta de qualidade. Houve diferença significativa na proximidade ($p = 0,001$) e complementariedade ($p = 0,003$), evidenciando que as mulheres sentem mais admiração, respeito e confiança pelo treinador, além de apresentarem maior afiliação do que os homens.

Tabela 1. Comparação das regulações comportamentais e da qualidade do relacionamento treinador-atleta de jovens atletas dos jogos escolares de Pernambuco em função do sexo

VARIÁVEL	Meninos	Meninas	P
	(n=136)	(n=165)	
	Md – (Q1-Q3)	Md – (Q1-Q3)	
MOTIVAÇÃO			
Desmotivação	2,67 (1,16-4,67)	2,33 (1,00-3,33)	0,058
Regulação externa	3,67 (2,00-5,00)	3,00 (1,33-4,33)	0,005*
Regulação introjetada	5,67 (5,00-6,67)	5,67 (4,67-6,67)	0,873
Regulação identificada	6,33 (5,67-7,00)	6,58 (5,67-7,00)	0,472
Regulação integrada	6,00 (5,16-6,67)	6,33 (5,33-7,00)	0,071
Regulação intrínseca	6,33 (5,67-7,00)	6,67 (5,67-7,00)	0,205
RTA			
Proximidade	6,75 (6,25-7,00)	7,00 (6,75-7,00)	0,001*
Comprometimento	6,00 (5,33-6,67)	6,71 (6,00-7,00)	0,001*
Complementaridade	6,50 (6,00-7,00)	6,75 (6,25-7,00)	0,003*

*Diferença significativa - $p < 0,05$.

Quando analisadas as correlações entre as regulações comportamentais e as dimensões da qualidade do RTA, optou-se pela análise em função do sexo dos atletas. De posse dos resultados para os meninos (Tabela 2), observou-se que as três dimensões da qualidade do RTA (proximidade, comprometimento e complementariedade) apresentaram relação negativa com a desmotivação ($r = -0,20$, $r = -0,21$ e $r = -0,25$, respectivamente). As três dimensões do RTA ainda se relacionaram de forma positiva ($p < 0,05$) com a regulação identificada ($r = 0,19$), ao passo que a regulação integrada esteve correlacionada positivamente com a complementariedade ($r = 0,17$)

e a regulação intrínseca se relacionou apenas com o comprometimento ($r = 0,18$).

Em relação às meninas (Tabela 2), evidenciou-se que a desmotivação dessas atletas se correlacionou apenas com o comprometimento ($r = -0,19$). Por outro lado, as regulações introjetada, identificada e integrada estiveram correlacionadas positivamente com todas as dimensões do RTA ($r = 0,22$ à $r = 0,43$; $p < 0,01$), com exceção da proximidade para a regulação introjetada. Além disso, a regulação intrínseca apresentou relação significativa ($p < 0,01$) com a proximidade ($r = 0,28$), o comprometimento ($r = 0,35$) e a complementariedade ($r = 0,28$).

Tabela 2. Correlação entre a qualidade do RTA e as regulações comportamentais para os meninos e meninas

	Meninos	Regulações comportamentais						RTA	
		1	2	3	4	5	6	7	8
1. Desmotivação	-	0,48**	-0,10	-0,22**	-0,23**	-0,28**	-0,20*	-0,21*	-0,25**
2. Regulação externa	0,39**	-	0,28**	0,17*	0,15	0,07	-0,07	-0,03	-0,07
3. Regulação introjetada	-0,10	0,14	-	0,54**	0,47**	0,45**	0,12	0,11	0,15
4. Regulação identificada	-0,08	0,21**	0,50**	-	0,64**	0,58**	0,19*	0,19*	0,19*
5. Regulação integrada	-0,19*	0,14	0,50**	0,71**	-	0,62**	0,11	0,13	0,17*
6. Regulação intrínseca	-0,17*	0,09	0,53**	0,69**	0,62**	-	0,09	0,17*	0,16
7. Proximidade	-0,10	-0,15	0,12	0,22*	0,24**	0,28**	-	0,71**	0,68**
8. Comprometimento	-0,19*	-0,02	0,29**	0,43*	0,39**	0,35**	0,59**	-	0,70**
9. Complementaridade	-0,01	-0,02	0,28**	0,31**	0,31**	0,28**	0,73**	0,69**	-

** A correlação é significativa no nível 0,01.

* A correlação é significativa no nível 0,05.

Para verificar o percentual de variância explicada das regulações comportamentais dos meninos e das meninas pelas dimensões da qualidade do RTA, após a análise da correlação, foram conduzidos modelos de equações estruturais (*Path Analysis*) entre as subescalas que apresentaram correlação significativa ($p < 0,05$). No modelo para os meninos, verificou-se que as dimensões da qualidade do RTA (proximidade,

comprometimento e complementaridade) apresentou impacto significativo ($p < 0,05$) e negativo sobre a variabilidade da desmotivação (16%) (Figura 1). Além disso, o comprometimento apresentou associação significativa com a regulação integrada (3%) e a complementaridade apresentou associação com a regulação intrínseca (9%).

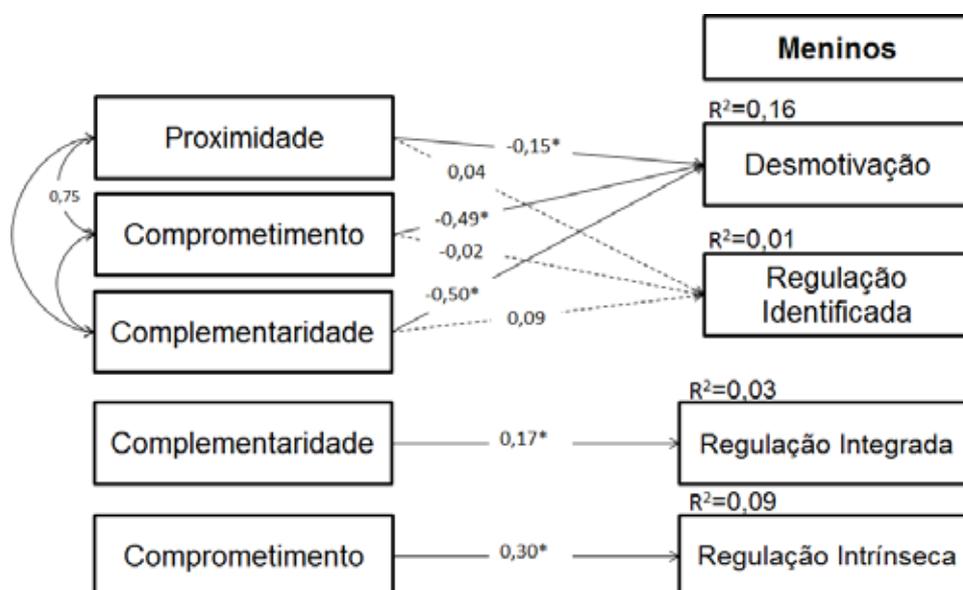


Figura 1. Modelo de Path Analysis das relações entre a qualidade do RTA e as regulações de motivação dos meninos.

Em relação às trajetórias individuais dos modelos dos meninos (Figura 1), verificou-se que o aumento da proximidade ($\beta = -0,15$), comprometimento ($\beta = -0,49$) e complementaridade ($\beta = -0,50$) possui impacto moderado e negativo sobre a desmotivação, indicando que o aumento da qualidade do RTA está associado à redução da desmotivação dos meninos. Observou-se também que a complementaridade demonstrou associação positiva e fraca com a regulação integrada ($\beta = 0,17$). Já a comprometimento apresentou associação positiva e moderada com a regulação intrínseca ($\beta = 0,30$).

Em relação às meninas (Figura 2), nota-se que o modelo da proximidade, comprometimento e complementaridade explicou 16% da regulação identificada, 10% da regulação integrada e 9% da regulação intrínseca. Em relação às trajetórias

individuais, verificou-se que a proximidade e a complementaridade apresentaram impacto positivo e moderado sobre a regulação identificada ($\beta = 0,32$ e $\beta = 0,27$) e a regulação integrada ($\beta = 0,26$ e $\beta = 0,26$) dos atletas. Observou-se também que o comprometimento demonstrou impacto positivo moderado sobre a regulação identificada ($\beta = 0,36$), a regulação integrada ($\beta = 0,26$) e a regulação intrínseca ($\beta = 0,22$). Tais resultados indicam o papel potencializador da qualidade do RTA sobre a motivação das meninas.

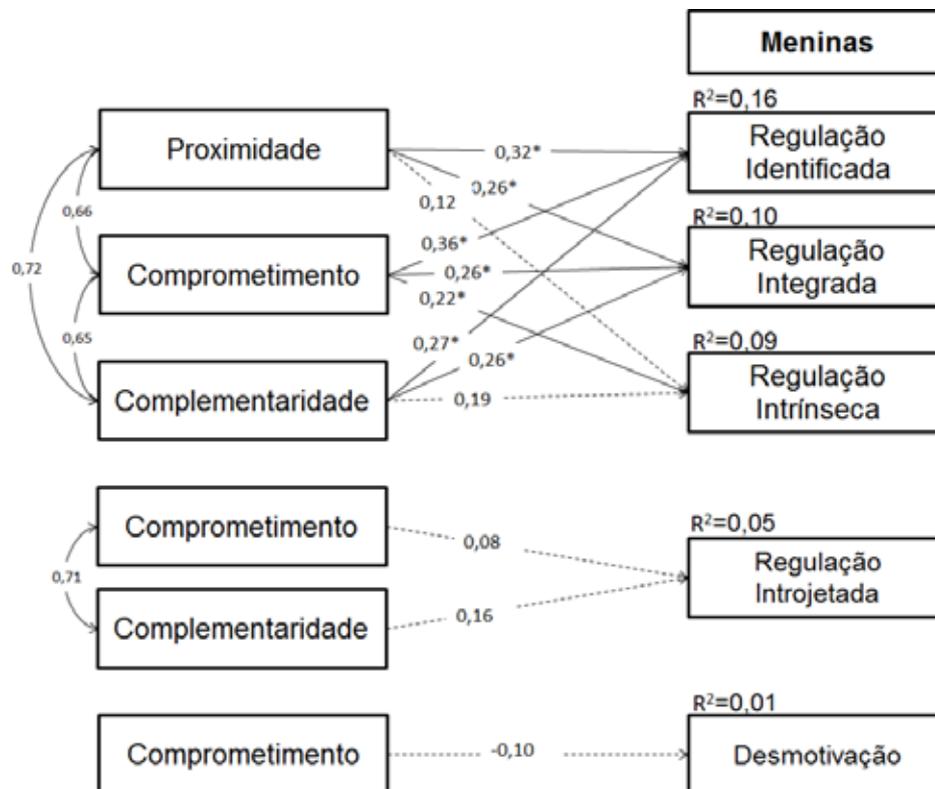


Figura 2. Modelo de Path Analysis das relações entre a qualidade do RTA e as regulações de motivação das meninas.

DISCUSSÃO

Os principais achados indicaram a associação negativa da qualidade do RTA com a desmotivação dos meninos e a associação positiva com as regulações pertencentes à motivação autônoma para as meninas. Além disso, os meninos apresentaram maiores pontuações na regulação externa (motivação extrínseca), enquanto as meninas reportaram escores superiores nas dimensões de proximidade, comprometimento e complementariedade.

Um dos principais achados deste estudo foi o provável papel protetor das dimensões da qualidade do RTA sobre a desmotivação dos meninos, indicando que a admiração, respeito, confiança e afiliação com o treinador parecem atuar como fatores protetivos contra a falta de motivação dos meninos para a prática esportiva. Este resultado indica que o relacionamento com o treinador/professor tem papel fundamental para que o adolescente do sexo masculino não perca a motivação para a prática esportiva^{9, 32, 33}. Embora

estudos recentes apontem que a desmotivação para a prática esportiva também está relacionada a fatores como excesso de treinamento, lesões, bullying e baixa percepção de competência³⁴, o contexto social é considerado um dos principais fatores intervenientes na ausência de motivação dos adolescentes^{10, 35}. De acordo com Moura et al.¹¹, a qualidade do RTA é importante para os atletas realizarem as atividades esportivas por vontade própria, por se sentirem motivados a realizarem as tarefas propostas.

Além disso, destaca-se que o apego cognitivo (comprometimento) e a afiliação (complementaridade) com o treinador apresentou associação positiva com a motivação autônoma (regulações integrada e intrínseca) dos meninos, indicando que quando os pensamentos e comportamentos dos meninos estão mutuamente relacionados com seus treinadores/professores, existe maior tendência de que o menino apresente comportamento regulado por fatores intrínsecos perante a prática esportiva^{36, 37}. A associação

linear da qualidade do RTA (comprometimento, complementaridade e proximidade) com as regulações da motivação autônoma (identificada, integrada e intrínseca) também foi evidenciada para as meninas. Esses achados demonstram que a qualidade da relação a partir de fatores como os sentimentos, os pensamentos e os comportamentos mútuos parece desenvolver o prazer pela prática esportiva em ambos os sexos^{36,37}.

Durante a adolescência é comum que professores de educação física e treinadores se tornem espelhos de comportamentos para estudantes e atletas^{12, 16}, principalmente quando estes pares sociais proporcionam suporte de autonomia para o jovem²⁰. Com isso, os laços afetivos e o apego cognitivo com o professor/treinador levam o adolescente a desenvolver o prazer pela prática esportiva e, conseqüentemente, a motivação autodeterminada para a prática esportiva¹².

Tais achados podem ser explicados pela microteoria da avaliação cognitiva da TAD^{3, 5}, a qual postula que a motivação intrínseca sofre grande efeito dos contextos sociais onde o indivíduo está inserido, podendo levar a desmotivação a longo prazo⁵. Esta microteoria destaca que o suporte de autonomia dos pares sociais tem papel crítico na promoção da motivação intrínseca, principalmente nos contextos da educação, artes e esporte^{3, 4}. O resultado desta pesquisa corrobora com os princípios da teoria, visto que o contexto social (RTA) pode ser considerado um elemento interveniente na motivação dos meninos do presente estudo, atuando como forma de proteção contra a desmotivação, principalmente para os meninos, além de favorecer o desenvolvimento e a manutenção do comportamento autodeterminado para ambos os sexos^{9, 38, 39}. No contexto esportivo, o treinador exerce função primordial para o desenvolvimento da motivação autodeterminada, uma vez que é o responsável pela interação e comunicação com praticantes e atletas, e pela construção de um ambiente agradável durante treinamentos e competições^{12, 21, 33}.

A literatura evidencia que as práticas exercidas pelos treinadores (e.g. apoio, envolvimento e autonomia) contribuem positivamente para a motivação dos jovens dentro do contexto esportivo^{9, 11}. Moura et al.¹¹ demonstraram em seu estudo com atletas de futsal do sexo feminino que as atletas tinham elevado nível de motivação intrínseca, bem como as dimensões do RTA (proximidade e complementariedade). Achados semelhantes foram encontrados por Vieira et al.²⁰ em que os autores observaram em atletas de vôlei que eles tinham percepção positiva da relação com o treinador independente de ser medalhista ou não.

Destaca-se também que os meninos apresentaram comportamento mais regulado por fatores externos quando comparados às meninas, ou seja, parecem agir mais para obter recompensas externas ou evitar punições durante a prática esportiva. De acordo com a microteoria da integração orgânica da TAD, que aborda as diferentes formas da motivação extrínseca, o contexto social pode aprimorar ou impedir a internalização da motivação extrínseca rumo ao comportamento autônomo. Com isso, pode-se dizer que, no contexto do esporte escolar, os pares sociais (como treinadores, colegas e pais) podem interferir diretamente na forma como os meninos resistem, adotem parcialmente ou internalizam profundamente valores, metas ou sistemas de crenças^{3, 5}, impedindo a internalização da motivação em relação à prática esportiva. Esta microteoria ressalta particularmente os apoios à autonomia e ao relacionamento como críticos para a internalização da motivação extrínseca⁴. Nessa perspectiva, os elevados níveis de regulação externa nos meninos podem estar relacionados com o fato de pais e treinadores criarem maiores expectativas, pressionarem e criticarem mais os meninos para a obtenção de melhor desempenho^{34, 40}.

Nascimento Junior et al.¹⁰ verificaram em atletas da seleção brasileira de futsal fortes indícios de que os estilos de rejeição e superproteção dos pais estavam diretamente relacionados com a regulação

externa, demonstrando que os atletas executavam determinadas atividades não pelo próprio prazer (forma autodeterminada), mas por vontade de agentes externos como seus pais²⁵. Este achado é semelhante aos encontrados por Vieira et al.³⁵, ao apontarem que pais excessivamente envolvidos podem desempenhar papel perturbador, enquanto que atletas com pais desinteressados podem não ter apoio instrumental e emocional necessário em casa que lhes permitam prosseguir uma carreira no esporte. Desta forma, para o processo do desenvolvimento da motivação autodeterminada, as relações interpessoais são tão importantes quanto a capacidade dos jovens atletas de se sentirem realizados ao executar suas tarefas e atividades.

Outro achado do estudo se refere à maior qualidade de RTA percebida pelas meninas quando comparadas aos meninos, indicando que as meninas se percebiam com maior proximidade, comprometimento e complementaridade com seus respectivos treinadores. Apesar de tais diferenças, destaca-se que ambos os grupos apresentaram escores altos nas três dimensões da qualidade do RTA, o que é fundamental para a prática esportiva. Esses achados corroboram com os encontrados por Cheuczuk et al.⁴¹ ao verificarem que tanto os homens quanto as mulheres apresentaram alto nível de qualidade em todas as dimensões do RTA em um estudo com jovens jogadores de voleibol. De acordo com o modelo dos 3 + 1Cs¹⁶, os atletas que percebem boa comunicação, respeito e confiança com o seu treinador, consequentemente se sentem mais motivados para a prática esportiva. Essa situação é confirmada por Jowett e Shanmugam³³, que apontam que as relações diádicas permitem a transformação de treinadores e atletas, de modo que uma conexão eficaz é benéfica aos sentimentos de pertencimento e valorização dentro das equipes esportivas.

Apesar dos importantes achados obtidos nesta pesquisa, acerca da relação treinador-atleta e dos estilos regulatórios de motivação dos jovens atletas da região Nordeste, é de suma importância

destacar algumas limitações. Primeiro, a amostra foi composta apenas por estudantes-atletas de uma região do Brasil, o que impossibilita a generalização dos resultados com o cenário nacional e internacional. No entanto, os atletas estavam participando da principal competição escolar dos seus respectivos Estados. Ainda, o estudo apresentou design transversal, avaliando os atletas em apenas um momento da temporada, impossibilitando análises das relações de causa e efeito entre as variáveis. Com isso, sugere-se que futuras pesquisas sejam realizadas também com atletas de outras regiões, a fim de comparar os grupos (e.g. ganhador x perdedor, coletiva x individual), como também o envolvimento de outras variáveis e com design longitudinal para verificar as possíveis alterações da coesão da motivação bem com o RTA ao longo de uma temporada no esporte escolar.

CONCLUSÃO

Pode-se concluir que a qualidade do RTA é um fator protetor contra a desmotivação nos meninos, além de atuar como potencializador da motivação autodeterminada em ambos os sexos, mas com maior intensidade para as meninas. Do ponto de vista prático, destaca-se a importância do desenvolvimento de um ambiente interpessoal baseado em suporte de autonomia, confiança, comprometimento e proximidade por parte de treinadores e profissionais de educação física, visto que tal ambiente tende a contribuir para o desenvolvimento da motivação intrínseca do adolescente dentro do contexto esportivo.

REFERÊNCIAS

1. Côté J, Turnnidge J, Evans MB. The dynamic process of development through sport. *Kinesiol. Slov.* 2014;20(3).
2. Holt NL, Neely KC, Slater LG, Camiré M, Côté J, Fraser-Thomas J, et al. A grounded theory of positive youth development through sport

- based on results from a qualitative meta-study. *Int Rev Sport Exerc Psychol.* 2017;10(1):1-49.
3. Ryan RM, Deci EL. *Self-determination theory: Basic psychological needs in motivation, development, and wellness*: Guilford Publications; 2017.
 4. Deci EL, Ryan RM. Motivation, personality, and development within embedded social contexts: An overview of self-determination theory. *The Oxford handbook of human motivation.* 2012:85-107.
 5. Rigby CS, Ryan RM. Self-determination theory in human resource development: New directions and practical considerations. *Adv. Dev. Hum. Resour.* 2018;20(2):133-47.
 6. Deci EL, Ryan RM. The general causality orientations scale: Self-determination in personality. *J Res Pers.* 1985;19(2):109-34.
 7. Carpentier J, Mageau GA. Predicting sport experience during training: The role of change-oriented feedback in athletes' motivation, self-confidence and needs satisfaction fluctuations. *J Sport Exerc Psychol.* 2016;38(1):45-58.
 8. Clancy RB, Herring MP, MacIntyre TE, Campbell MJ. A review of competitive sport motivation research. *J Sport Exerc Psychol.* 2016;27:232-42.
 9. Vieira LF, Pizzo GC, Contreira AR, Lazier-Leão TR, Moreira CR, Rigoni PAG, et al. Associação entre motivação e coesão de grupo no futebol profissional: o relacionamento treinador-atleta é um fator determinante? *Rev psicol deport.* 2018;27(4):0051-57.
 10. Nascimento Junior JRAd, Pizzo GC, Granja CTL, Oliveira DV, Amorim AC, Vieira LF. Suporte parental e motivação dos jogadores da seleção brasileira de Futsal. *Revi Bra Futs Fut.* 2017;9(34):229-37.
 11. Moura MCar, da Silva TN, de Assis MLR, da Costa LCA, Amorim AC, Fiorese L, et al. O relacionamento com o treinador pode afetar a motivação de atletas paranaenses de futsal? *Sau Pes.* 2019;12(1):29-38.
 12. Jowett S. Coaching effectiveness: The coach–athlete relationship at its heart. *Curr Opin Psychol.* 2017;16:154-8.
 13. Jowett S, Shanmugam V, Caccoulis S. Collective efficacy as a mediator of the association between interpersonal relationships and athlete satisfaction in team sports. *Int J Sport Exerc Psychol.* 2012;10(1):66-78.
 14. Vella SA, Oades LG, Crowe TP. The relationship between coach leadership, the coach–athlete relationship, team success, and the positive developmental experiences of adolescent soccer players. *Phys Educ Sport Pedagogy.* 2013;18(5):549-61.
 15. Hampson R, Jowett S. Effects of coach leadership and coach–athlete relationship on collective efficacy. *Scand J Med Sci Sports.* 2014;24(2):454-60.
 16. Jowett S. Interdependence Analysis and the 3+1Cs in the Coach-Athlete Relationship. 2007.
 17. Nicholls AR, Perry JL. Perceptions of coach–athlete relationship are more important to coaches than athletes in predicting dyadic coping and stress appraisals: an actor–partner independence mediation model. *Front. Psychol.* 2016;7:447.
 18. Madigan DJ, Stoeber J, Passfield L. Motivation mediates the perfectionism–burnout relationship: A three-wave longitudinal study with junior athletes. *J Sport Exerc Psychol.* 2016;38(4):341-54.
 19. Yang SX, Jowett S, Chan D. Effects of big five personality traits on the quality of relationship and satisfaction in Chinese coach–athlete dyads. *Scand J Med Sci Sports.* 2015;25(4):568-80.
 20. Vieira JLL, Ferreira L, Cheuczuk F, Flores PP, Vissoc JRN, Rocha FFD, et al. Impact of coach-athlete relationship on the collective efficacy of young volleyball players. *Rev. bras. cineantropom. desempenho hum.* 2015;17(6):650-60.
 21. Jowett S, Nezlek J. Relationship interdependence and satisfaction with

- important outcomes in coach–athlete dyads. *J. Soc. Pers. Relatsh.* 2012;29(3):287-301
22. Ato M, Lopez JJ, Benavente A. A classification system for research designs in psychology. *Ana Psico.* 2013;29(3):1038-59.
23. Malta M, Cardoso LO, Bastos FI, Magnanini MMF, Silva CMFPd. STROBE initiative: guidelines on reporting observational studies. *Rev sau pub.* 2010;44(3):559-65.
24. Richardson R, Peres J, Wanderley J, Correia L, Peres M. *Pesquisa social: métodos e técnicas* (334 pp.). São Paulo: Editora Atlas, 3ª edição. 2014.
25. Pelletier LG, Rocchi MA, Vallerand RJ, Deci EL, Ryan RM. Validation of the revised sport motivation scale (SMS-II). *J Sport Exerc Psychol* 2013;14(3):329-41.
26. Nascimento Junior JRAd, Vissoci JRN, Balbim GM, Moreira CR, Pelletier L, Vieira LF. Cross-cultural adaptation and psychometric properties analysis of the sport motivation scale-II for the brazilian context. *Rev. Educ. Fís/UEM.* 2014;25(3):441-58.
27. Jowett S, Ntoumanis N. The coach–athlete relationship questionnaire (CART Q): Development and initial validation. *Scand J Med Sci Sports.* 2004;14(4):245-57.
28. Vieira LF, Nascimento Junior JRAd, Pujals C, Jowett S, Codonhato R, Vissoci JRN. Cross-cultural adaptation and psychometric properties of the Brazilian coach-athlete relationship questionnaire (CART-Q)-Athlete Version. *Rev. bras. cineantropom. desempenho hum.* 2015;17(6):635-49.
29. Marôco J. *Análise de equações estruturais: Fundamentos teóricos, software & aplicações:* ReportNumber, Lda; 2010.
30. MacCallum RC, Browne MW, Sugawara HM. Power analysis and determination of sample size for covariance structure modeling. *Psychol. Methods.* 1996;1(2):130.
31. Kline RB. *Principles and practice of structural equation modeling:* Guilford publications; 2015.
32. Balaguer I, Castillo I, Ródenas L, Fabra P, Duda JL. Los entrenadores como promotores de la cohesión del equipo. *Cuad psicol deporte.* 2015;15(1):233-42.
33. Jowett S, Shanmugam V. *Relational coaching in sport: Its psychological underpinnings and practical effectiveness.* Routledge© The Authors; 2016.
34. Myer GD, Jayanthi N, Difiori JP, Faigenbaum AD, Kiefer AW, Logerstedt D, et al. Sport specialization, part I: does early sports specialization increase negative outcomes and reduce the opportunity for success in young athletes? *Sports Health.* 2015;7(5):437-42.
35. Vieira LF, Mizoguchi MV, Junior EG, Garcia WF. Estilos parentais e motivações em atletas jovens de futebol de campo. *Pensar a Prát.* 2013;16(1).
36. Balbinotti MAA, Balbinotti CAA. Motivação e perspectiva futura no tênis infanto-juvenil. *Revi Bras Psicol Esporte.* 2018;2(2).
37. Carvalho Bjd, Verardi CEL, Maffei WS, Monesso CT. Motivos que determinam a prática do Futebol em atletas das categorias sub-15 e sub-17 de uma equipe do interior do estado de São Paulo. *Rev Bras Futs Fut.* 2019;10(41):720-8.
38. Harwood CG, Knight CJ. Parenting in sport. *Sport Exerc Perform Psychol.* 2016;5(2):84.
39. Kang S, Jeon H, Kwon S, Park S. Parental attachment as a mediator between parental social support and self-esteem as perceived by korean sports middle and high school athletes. *Percept Mot Skills.* 2015;120(1):288-303.
40. Machado AdT, Paes MJ, Alquiére SM, Osiecki ACV, da Silva LIRANI L, Stefanello JMF. Ansiedade estado pré-competitiva em atletas de voleibol infanto-juvenis. *Rev. bras. educ. fís. esporte.* 2016;30(4):1061-7.
41. Cheuczuk F, Ferreira L, Flores PP, Vieira LF, Vieira JLL, Nascimento Jr J. Qualidade do

Relacionamento Treinador-Atleta e Orientação
às Metas como preditores de Desempenho
Esportivo. *Psic: Teor e Pesq.* 2016;32(2):01-8.